Lei: Nº 6658 de 06.06.90
D.O.M: Nº 9394 de 19.06.90
Sancionada

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Trabalhando junto com o povo

DEPARTAMENTO LEGISLATIVO

DIGITALIZADO

EM: 30/11/00

REGINA R
FUNCIONÁRIO

DATA 27/04/90

PROJETO DE LEI Nº 072/90

Denomina de Rua: Dr. José Bonifácio de
ASSUNTO
Sousa uma artéria de Fortaleza

VEREADOR Narcílio Andrade

LEI Nº 6658 DE 06/06/90

DIOM Nº 9394 DE 19/06/90

ARQUIVO 26.06.90

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Lei: 066581990
Projeto: 00721990
Autor: NARCILIO ANDRADE
Assunto: R DR JOSE SOUSA

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

LEI Nº 6656 DE 06 DE junho DE 1990

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

Denomina de Rua Dr. José Bonifácio de Sousa, uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI :

Art. 1º - Fica denominada de Rua Dr. José Bonifácio de Sousa, uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 06 DE junho DE 1990.

Juracy Vieira de Magalhães
PREFEITO DE FORTALEZA

VLP

COMISSÃO DE URBANISMO
DESIGNO O VEREADOR Sergio
Moura COMO RELATOR
Em 31 5 90
Presidente

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA - ARQUIVO

À COMISSÃO DE URBANISMO
Em 31/5/1990
Presidente

PROJETO DE LEI Nº 072/90

Aprovado em 1a. Discusção
Em 16/5/1990
Presidente

Denomina de Rua Dr. José Bonifácio de Sousa uma artéria de Fortaleza.

APROVADO
EM ___/___/___
Presidente

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Aprovado em 2a. Discusção
Em 23/5/1990
Presidente

Art. 1º - Fica denominada de Rua Dr. José Bonifácio de Sousa, uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Fortaleza, em 27 de 04 de 1990.

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL
Em 23/5/1990
Presidente

Vereador - NARCÍLIO ANDRADE

BIOGRAFIA ANEXA

F.A.O.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

Nasceu José Bonifácio de Sousa a 1º de novembro de 1901 em Quixadá, Ce. Era filho de Alfredo Pereira de Sousa e Amélia Abreu de Sousa.

Iniciou sua vida escolar em Quixadá, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro. Concluiu seus estudos secundários no Colégio Castelo Branco, prestando exames no Liceu do Ceará. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará tendo se formado também em Ciências Contábeis. Prestou concurso para o Banco do Brasil galgando o alto posto de Inspetor na zona cacaueira de Itabuna, Ilheus, Belmonte. Antes já exercera as elevadas funções de Contador da mesma instituição bancária na cidade de Parnaíba (PI) e de gerente em Crato (CE) e Manaus (AM). Por muitos anos foi chefe do Serviço de Cadastro da Agência de Fortaleza. Ainda na carreira bancária foi superintendente do Banco do Nordeste do Brasil.

Foi conselheiro e orientador de grandes e várias emprêsas de Fortaleza e dirigiu as Escolas Profissionais do SENAC. Exerceu o cargo de Secretário de Administração do Estado na gestão do Governador Plácido Castelo.

Foi fundador da Sociedade Cearense de Geografia e História e era memnro do Instituto do Ceará onde desenvolveu pesquisas sobre a História do Ceará. Escreveu a História do Município de Quixadá intitulada "Quixadá - De Fazenda a Cidade".

Ainda no Instituto do Ceará vinha dando continuidade ao "Dicionário Bibliográfico Cearense" iniciado pelo Barao de Studart.

Foi co-fundador da Faculdade de Filosofia do Ceará, hoje Faculdade de Educação do Ceará onde por mais de 10 anos lecionou História da Civilização Brasileira .

Foi também Professor de Economia Bancária da Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará. Dentro do campo técnico, foi dirigente da Pesquisa Nacional do Bem Estar Social no Estado do Ceará promovida pelo Governo Federal.

Sua experiência como Fazendeiro foi das mais notáveis na região centro do Estado. Criou vários campos de experimentação agropecuária, manteve grupos escolares, serviço médico, dentário, social e religioso para colonos (Fazenda Queimadas) e de imóveis vizinhos, no município de Quixadá, bem como cursos de iniciação profissional.

Seus predicados morais e intelectuais o elevaram acima de quaisquer facções políticos partidárias. Seu ideal de promover o homem cearense e a causa cearense foi sempre uma constante na vida.

OUTRAS PUBLICAÇÕES:

Leandro Bezerra Monteiro (Esboço Biográfico) 1945

Na Seara de Cristo (Em colaboração) 1946

Serra do Estevão - 1947

Formação Histórica do Comércio Cearense - 1954

José Bonifácio de Sousa e D. Lígia Firmeza de Sousa tiveram 8 filhos:

José Maria, Maria Teresa, Germana Maria, Maria Lígia, Maria Cecília, Maria de Nazaré, José Bonifácio e José Alfredo.

IN MEMORIAM

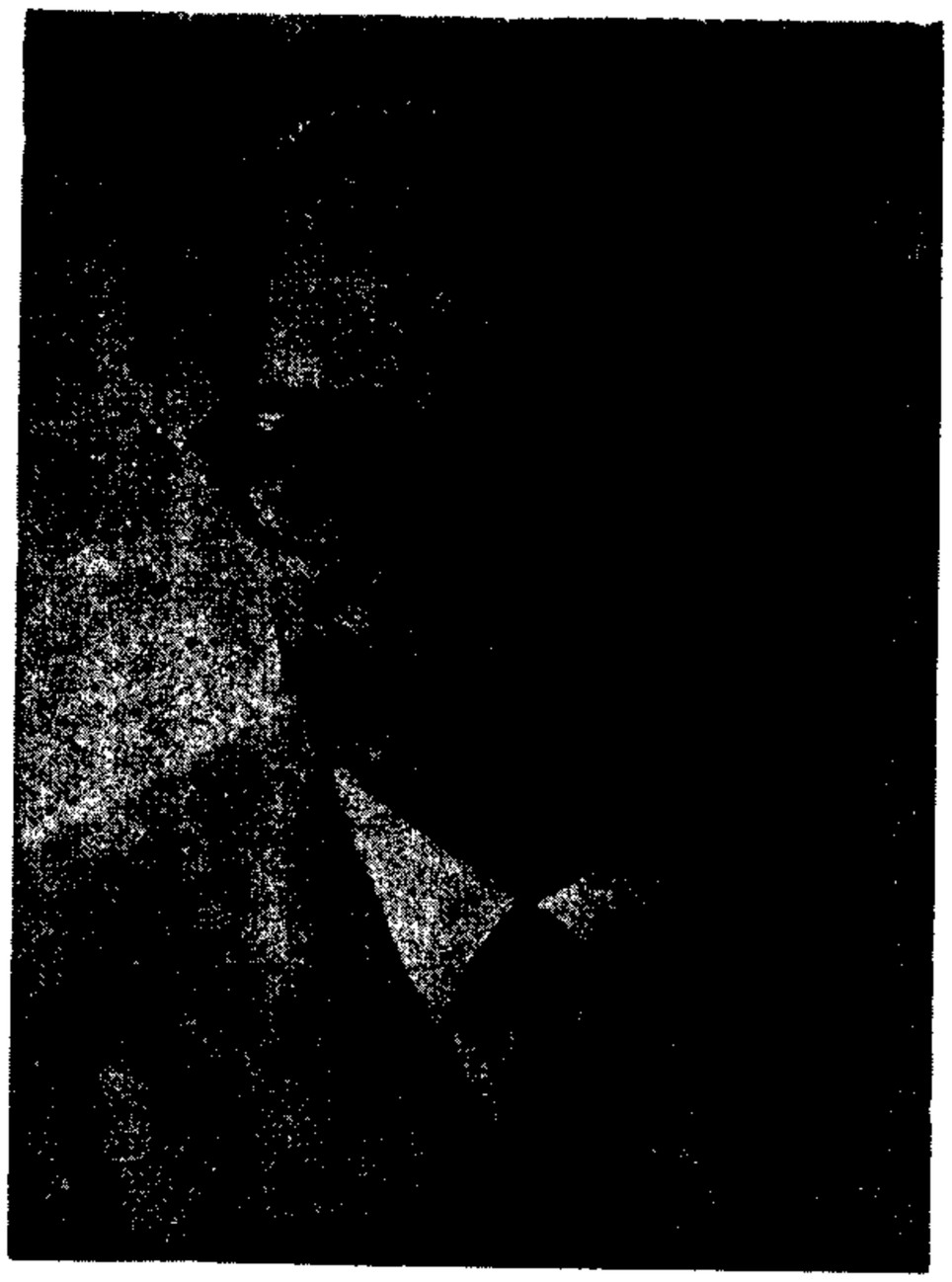
JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

FORTALEZA CEARÁ 1971

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

IN MEMORIAM

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA



JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

* Quixadá, 1.º de novembro de 1901
† Fortaleza, 17 de abril de 1970

"A vida dos mortos perdura na memória dos vivos".
Cícero — *Filípicas.*

DECRETO N.º 9 169, DE 17 DE ABRIL DE 1970

Decreta luto oficial pela morte do DR. JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ, no uso das atribuições que lhe confere o art. 88, n.º XI, da Constituição Estadual:

Considerando que faleceu, na madrugada de hoje, nesta cidade, causando geral consternação, o Dr. JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA, Secretário de Administração do Estado;

Considerando que o ilustre extinto exerceu destacadas funções públicas, havendo-se nelas com notável dedicação ao seu Estado e à sua gente;

Considerando ainda que, na qualidade de membro do Instituto do Ceará e historiador dos mais lúcidos, o Dr. JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA deixou várias obras, tôdas elas pertinentes ao interêsse do Ceará e seu povo;

Considerando que, tanto no desempenho de altas funções públicas como na sua vida de cidadão e chefe de família, o homem público desaparecido se notabilizou pelo exercício de excepcionais virtudes, impondo-se à admiração e respeito dos cearenses;

Considerando que é dever do Govêrno custear os funerais de quem tanto trabalhou, desinteressadamente, em prol do Estado,

DECRETA:

Art. 1.º — São considerados de luto oficial, em todo o território do Ceará, os dias 17, 18 e 19 do mês em curso, pelo fale-

cimento, ocorrido hoje, do DR. JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA, Secretário de Administração do Estado.

Parágrafo único — Durante os dias a que se refere êste artigo, as repartições estaduais deverão conservar hasteada, a meia vérga, a bandeira do Estado do Ceará.

Art. 2.º — Serão custeadas pelo Estado as despesas de funeral do Secretário de Estado a que se refere êste Decreto.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVÊRNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, aos 17 de abril de 1970.

HUMBERTO ELLERY
José Napoleão de Araújo

(DIÁRIO OFICIAL, n.º 10.338, de 17 de abril de 1970).

SESSÃO DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ EM HOMENAGEM A JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

O Sr. Presidente:

Diante da apresentação agora da ARENA e, anteriormente, do MDB, da lista dos Senhores Deputados componentes das Comissões Permanentes, acham-se, pois, completas as aludidas Comissões.

Resta, entretanto, que elas se reúnam, apelando a Presidência para que dentro do menor espaço de tempo possível escolham os seus respectivos Presidentes.

Senhores Deputados, existe sôbre a Mesa requerimento firmado pelos Senhores Deputados Almir Pinto, Adelino Alcântara, Cleber Kallou, Paulo Benevides, Guilherme Gouveia, Antônio Eufrasino Neto, Joaquim Barreto, Mauro Benevides, Armando Aguiar, vazado nos seguintes têrmos:

(Lê).

Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará.

Os Deputados infra-firmados, na forma do Regimento Interno em vigor, requerem a V. Exa., ouvido o Plenário, seja consignado na Ata da presente sessão um voto

de profundo pesar, pelo inesperado falecimento do honrado cidadão — Dr. José Bonifácio de Sousa, ocorrido na madrugada de hoje, nesta capital.

Requerem, outrossim, o levantamento dos trabalhos, numa homenagem póstuma à memória do pranteado extinto que foi um modêlo de cidadão, quer na vida privada, quer na vida pública.

Sala das Sessões, em 17 de abril de 1970.

as) *Almir Pinto*
Obi Diniz
Januário Feitosa
Armando Aguiar
Paulo Benevides
Antônio Eufrasino
Joaquim Barreto
Guilherme Teles Gouveia
Acilon Gonçalves.

O SR. PRESIDENTE — Em nome da Aliança Renovadora Nacional, por designação do Líder, deputado Barros dos Santos, concedo a palavra ao deputado Paulo Benevides para discorrer sôbre o ilustre extinto.

O SR. PAULO BENEVIDES — Senhor Presidente e Srs. Deputados: O mundo administrativo e político do Ceará recebeu às primeiras horas da manhã de hoje, através de notícias das emissoras locais, a infausta e constrangedora comunicação de que havia falecido o ilustre cearense Dr. José Bonifácio de Sousa. Há poucos dias, já preparado para submeter-se a uma operação melindrosa, visitava aquêle ilustre homem público, não podendo atinar que logo mais ocorresse tão tétrico acontecimento para enlutar o Ceará, pela perda irreparável de tão grande e ilustre cidadão. José Bonifácio de Sousa ocupava há mais de dois anos as elevadas funções de Secretário de Administração do Estado, pasta da maior responsabilidade porque reúne o aspecto jurídico de tôda a vida administrativa do Estado, e sòmente um homem do seu gabarito, de seu preparo, de sua cultura, poderia dar, como deu, brilhante incumbência à missão que lhe foi confiada pelo Exmo. Sr. Governador Plácido Aderaldo Castelo. O Dr. José Bonifácio de Sousa iniciou seus estudos no Mosteiro dos Beneditinos, na Serra do Estêvão, em Quixadá. Transferiu-se para Fortaleza, onde continuou seus estudos, tirando os preparatórios no Colégio Castelo Branco e Liceu do Ceará, formando-se em Direito, na turma de 1930, companheiro que foi dos nossos ilustres conterrâneos o ex-senador Paulo Sarasate, já falecido, o ex-governador Stênio Gomes, já falecido, e do atual governador Plácido Aderaldo Castelo. Foi, assim, uma turma de constelação de valôres que naquele momento o Ceará recebia de sua Faculdade de Direito, para amanhã servirem a seu Estado em altas e elevadas funções com devotamento, com espírito público e sobretudo com honradez. Dr. José Bonifácio de Sousa foi, ainda, em quase tôda sua existência, alto funcionário do Banco do Brasil, percorrendo todos os elevados cargos do Banco. Foi gerente das Agências de Crato, Parnaíba e Manaus, saindo do Banco do Brasil, depois de uma trajetória das mais brilhantes e de grande atração em favor daquela potentosa entidade bancária. Foi ainda superintendente do Banco do Nordeste do Brasil, quando da sua instalação. Falar do Dr. José Bonifácio de Sousa é repetir e aludir um pouco à nossa história, porque além das suas grandes atividades na vida bancária e administrativa do Estado, era ainda um estudioso das nossas coisas e ainda assim participava, nas horas vagas, nas horas de recreio, do campo onde tinha uma fazenda, não fazendo distinção entre o homem do campo e o homem das letras.

O Dr. José Bonifácio de Sousa era membro do Instituto Histórico do Ceará e mordomo da Santa Casa de Misericórdia. Publicou trabalho sôbre Quixadá e foi continuador do *Dicionário Biobibliográfico*, iniciado pelo

Barão de Studart. Trabalhou na imprensa de Fortaleza, escrevendo para os jornais *O Povo* e *O Nordeste*. O Dr. José Bonifácio de Sousa, ainda como funcionário do Banco do Brasil, foi Inspetor da região sul da Bahia, entre Itabuna e Ilhéus. Fazendo um relato do que foi a vida laboriosa de José Bonifácio quero, neste instante, Sr. Presidente, participar a esta Casa do infausto falecimento, da grande perda para o Ceará. Quero, em nome do Poder Legislativo, deixar consignado nesta sessão o pronunciamento da ARENA pelo triste acontecimento, o nosso pesar pela perda irreparável do ilustre conterrâneo. O Dr. José Bonifácio de Sousa, filho de Quixadá, morreu aos 69 anos de idade, deixando viúva a sra. Lígia Firmeza de Sousa, filha do ilustre ex-parlamentar Hermenegildo Firmeza, já falecido, que deixou, na imprensa e na política, traços predominantes da sua personalidade. O Dr. José Bonifácio de Sousa, era filho de um ex-deputado, o cel. Alfredo de Sousa, que representava Quixadá, a sua terra natal, nesta Assembléia. Por todos êsses motivos, tenho, neste momento, a oportunidade de externar, mais uma vez, a nossa palavra de tristeza, certo de que os Srs. Deputados apoiarão o requerimento que foi lido pelo Sr. Presidente, em homenagem póstuma àquele ilustre conterrâneo. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE — Concedo a palavra ao deputado Mauro Benevides.

O SR. MAURO BENEVIDES — (O discurso, entregue à revisão do orador, será publicado posteriormente).

O SR. PRESIDENTE — Em discussão o requerimento apresentado pelo deputado Almir Pinto e outros, solicitando a suspensão dos nossos trabalhos.

Com a palavra, para discutir, o sr. Deputado Barros dos Santos.

O SR. BARROS DOS SANTOS — Sr. Presidente e Srs. Deputados, eu não queria acrescentar mais nada ao necrológio feito em homenagem do Dr. José Bonifacio

de Sousa, falecido na madrugada de hoje, nesta Capital, depois das brilhantes orações proferidas pelos Srs. Deputados Mauro Benevides e Paulo Benevides, representando, respectivamente, as bancadas do MDB e da ARENA.

Porém, tendo lido o requerimento momentos antes da abertura da sessão, peço vênia aos ilustres subscritores do mesmo para fazer um ligeiro reparo: é que o requerimento não solicitava fôsse o pronunciamento da Assembléia comunicado à família do venerando morto.

Assim sendo, tomo a liberdade, com a devida licença dos autores do requerimento, para pedir, em forma de aditivo, ao plenário, que aprove também a comunicação da homenagem que prestamos, na tarde de hoje, ao Dr. José Bonifácio de Sousa, aos seus cunhados, desembargador Virgílio Firmeza e Dr. Rui Firmeza, Procurador Fiscal do Estado, comunicando-se, também, ao seu filho, Dr. José Maria, gerente da matriz do Banco do Nordeste, em Fortaleza, e ao seu genro, sr. José Ivan dos Santos, residente em Guaramiranga, estendendo-lhe a comunicação à viúva do Secretário morto, dona Lígia Firmeza de Sousa.

Ao mesmo tempo, solicito, outrossim, seja comunicado igualmente ao Instituto Histórico do Ceará, entidade que representa o grande patrimônio intelectual, em nosso Estado, ao qual o Dr. Bonifácio pertencia, quando em vida, a fim de que os seus ilustres companheiros tomem conhecimento da homenagem póstuma que a Assembléia do Estado presta ao grande cearense, hoje falecido.

O SR. PRESIDENTE — Continua em discussão.

O SR. BARROS DOS SANTOS — Sr. Presidente, eu solicitaria ainda fôsse comunicada à viúva, Dona Lígia Firmeza, e ao genro, Pedro Paulo de Sousa Montenegro.

O SR. PRESIDENTE — Continua em votação o requerimento e o aditivo apresentado pelo Sr. Deputado Barros dos Santos. (Pausa).

Em votação o requerimento e o aditivo.

Os Srs. Deputados que aprovam queiram permanecer como estão. (Pausa)

Aprovado.

Em face da aprovação do requerimento e do seu aditivo, declaro encerrada a presente sessão, designando, antes, para a próxima Ordem do Dia, o que ocorrer.

Está levantada a sessão.

(*Diário Oficial do Estado do Ceará*, 15 de junho de 1970).

DISCURSO À BEIRA DO TÚMULO

Gen. Humberto Ellery

Meu caro José Bonifácio:

Com a certeza de que, ao regressar do Rio, o governador Plácido Aderaldo Castelo, vencido pela emoção, ficaria impossibilitado de falar, procurei fixar no papel as minhas palavras, para evitar que a emoção de que estou possuído venha a me impedir de expressar, neste momento doloroso, o profundo pesar de todos nós.

Falo aqui como Governador do seu, do nosso Ceará, em nome do Govêrno e do povo, mas falo também como amigo desolado pelo desaparecimento de um companheiro como você, de estatura moral das mais alevantadas e de coração dos mais sensíveis.

Feliz o Govêrno que contou com a sua colaboração séria, austera, dedicada, absolutamente desinteressada, pois sabia eu o seu sacrifício pessoal em se mantendo no cargo de Secretário de Administração tão-sòmente para servir ao Estado e ao seu povo.

Feliz a sua família, que teve um chefe que se impôs à admiração de todos pelo exercício continuado das virtudes que você cultivou e que representam a melhor herança para os seus filhos e netos.

Feliz a espôsa que encontrou um companheiro de sua estirpe, de lealdade e devotamento muito raros na Humanidade.

Feliz êste Ceará, objeto constante de sua afeição, sem esquecer o seu querido Quixadá, que foram ambos excepcionalmente amados por você.

Felizes os seus amigos, que sempre contaram com a sua solidariedade incondicional, especialmente nas horas difíceis.

Feliz a sua mesma Igreja, que teve em você um filho fiel, esclarecido, prudente, devotado, perfeitamente identificado com o *sentire cum Eclesia*, a ponto de aceitar de bom grado tôdas as renovações autênticas mas recusando tudo o que não estivesse de acôrdo com o pensamento do Papa e do Evangelho.

Todos nós, e todos êstes, que fomos felizes em compartilhar de sua vida terrena, caríssimo José Bonifácio, estamos hoje muito tristes, pela falta do seu convívio tão precioso. Mas, como cristãos, temos o consôlo de saber, com profunda convicção, que a esta hora você já terá recebido o prêmio das lutas, dos sofrimentos, especialmente da luta permanente para ser bom e corresponder à vocação de filho de Deus.

Repouse em paz, querido amigo.

O AMIGO DE PERMANÊNCIA

(Palavras proferidas à beira do túmulo de José Bonifácio de Sousa).

Luís Teixeira Barros

O laicato católico do Ceará sofre uma rude perda com o inesperado falecimento do Dr. José Bonifácio de Sousa.

Dotado de uma personalidade singular, finamente educado, culto, esclarecido, modêlo de amigo e de cidadão, era êle um fervoroso católico. Perfeitamente a par dos grandes problemas de nossa época, tinha o Dr. José Bonifácio firmes convicções religiosas, sedimentadas em leituras e doutrinas dos mais esclarecidos pensadores.

Tradicionalista fervoroso, jamais cedeu ou transigiu êle perante os erros e imposturas do nosso tempo. Dotado de rara combatividade, sempre soube lutar em defesa da Igreja Católica, na pureza de sua doutrina e na ortodoxia de sua fé. Fenômeno raro, em uma época de deserções, transigências e, talvez, da maior confusão mental e ideológica de todos os tempos.

Apesar de todos os percalços e dificuldades, José Bonifácio de Sousa jamais desanimou. As deturpações da Religião, a insidiosa campanha de infiltração de idéias

malsãs nos meios católicos, nada disso foi suficiente para abalar a firmeza de sua crença no magistério infalível da Igreja e no dogma da infalibilidade do Papa.

Por tão raras qualidades morais e intelectuais era considerado, de modo especial, por todos os seus confrades.

Em nome dos católicos do Ceará, dos amigos e assinantes da grande revista *Permanência*, entre os quais era elemento de prol, apresento minhas despedidas ao grande amigo que se foi, José Bonifácio de Sousa.

Segundo o consagrado tribuno Ferreira Viana, a morte é uma aposentadoria e a vida um combate.

Prometemos seguir, haja o que houver, a lição de bravura moral que nos legou José Bonifácio de Sousa, nesse combate em favor da verdadeira doutrina católica.

Adeus, grande amigo, grande coração e grande lutador.

COMUNICAÇÃO DO SR. VICENTE AUGUSTO NA CÂMARA FEDERAL

Sr. Presidente, Srs. Deputados, aqui estamos para fazer o registro do desaparecimento de ilustre homem público do Ceará, Dr. José Bonifácio de Sousa, que até bem pouco tempo exercia em nosso Estado o cargo de Secretário de Administração.

Nasceu José Bonifácio de Sousa a 1.º de novembro de 1901 em Quixadá, Ceará. Era filho de Alfredo Pereira de Sousa, fazendeiro e comerciante local, que por duas vêzes exercera o mandato de Deputado Estadual, e de Amélia Abreu de Sousa.

Iniciou seus estudos em Quixadá e foi aluno dos monges beneditinos no antigo colégio que mantinham na Serra de Santo Estêvão, no município de Quixadá, hoje Casa de Repouso São José.

Com a primeira guerra mundial, entre 1914 e 1918, extinguiu-se o referido mosteiro e José Bonifácio de Sousa foi enviado por seus pais para o Rio de Janeiro, onde iniciou seus estudos secundários para terminá-los em Fortaleza, aí cursando os preparatórios no Colégio Castelo Branco, prestando exames no Liceu do Ceará. Ingressou na Faculdade de Direito do Ceará, por onde se bacharelou na turma de 1930, juntamente com o falecido senador Paulo Sarasate e com o atual Governador do Estado do Ceará, Plácido Aderaldo Castelo, havendo-se formado também em Ciências Contábeis.

Ainda como aluno da Faculdade de Direito presta concurso para escriturário do Banco do Brasil, instituição a que dedica tôda sua inteligência e capacidade de trabalho. Percorreu tôda a carreira no escalonamento bancário, galgando o alto pôsto de Inspetor, que exerceu na região sul da Bahia, precisamente na zona cacaueira — Itabuna, Ilhéus e Belmonte. Antes já exercera as elevadas funções de Contador da mesma instituição bancária na cidade de Parnaíba (PI) e de Gerente em Crato (CE) e Manaus (AM). Por muitos anos foi Chefe do Serviço de Cadastro da Agência em Fortaleza, onde, por seu zêlo e seu interêsse no estudo de homens e coisas do Ceará, tornou-se profundo conhecedor da história do comércio cearense. Ainda na carreira bancária, foi Superintendente do Banco do Nordeste do Brasil, em cuja instalação colaborou, exercendo ainda o cargo de Diretor da mesma instituição em 1954.

Aposentou-se de suas lides bancárias com 35 anos de serviço. Mas não parou...

Transformou-se em conselheiro e orientador de grandes e várias emprêsas de Fortaleza, dirigiu as Escolas Profissionais do SENAC. No ~~atual~~ Govêrno do Ceará foi convidado para exercer a Secretaria de Administração pelo seu velho colega e amigo governador Plácido Aderaldo Castelo, função em que o colheu a morte e que exerceu com as melhores intenções de levar, até ao fim, sua fidelidade à causa pública cearense. Foi fundador da Sociedade Cearense de Geografia e História e ~~era~~ membro do Instituto do Ceará, e como tal dedicava as horas que lhe sobravam das atividades bancárias ou administrativas a pesquisas de História do Ceará. Foi assim que escreveu a História do Município de Quixadá, titulada *Quixadá — De Fazenda a Cidade* e monografias importantes sôbre facetas da história do comércio do Ceará.

Vinha continuando, por encargo do Instituto do Ceará, o *Dicionário Biobibliográfico Cearense*, iniciado pelo Barão de Studart.

Não foi tudo... foi ainda co-fundador da Faculdade Católica de Filosofia do Ceará, hoje Faculdade de Educação do Ceará, onde, por mais de 10 anos, lecionou História da Civilização Brasileira.

Antes já havia sido professor de economia bancária na Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará. Dentro do campo técnico, foi dirigente da Pesquisa Nacional do Bem-Estar Social no Estado do Ceará, promovida pelo govêrno federal, e membro da delegação do Ceará à II Reunião das Classes Produtoras, ocorrida em Araxá (MG).

Sua experiência como fazendeiro foi das mais notáveis da região centro do Estado. Criou vários campos de experimentação agropecuária, manteve grupos escolares, serviço médico, dentário, social e religioso para colonos seus (Fazenda Queimadas) e de imóveis vizinhos, no município de Quixadá, bem como cursos de iniciação profissional.

Seus predicados morais e intelectuais o elevavam acima de quaisquer facções político-partidárias. Seu ideal de promover o homem cearense e a causa cearense já lhe era uma constante na vida, para não dizer uma obsessão.

Seu falecimento se deu às 4,45 hs. do dia 17 de abril do corrente ano, na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, onde era mordomo, e seu sepultamento no Cemitério São João Batista reuniu imensa massa de amigos, admiradores e homens públicos.

Outras publicações:

Leandro Bezerra Monteiro (Esbôço Biográfico) 1945;
Na Seara de Cristo (Em colaboração) 1946;
Serra do Estêvão - 1947;
Formação Histórica do Comércio Cearense - 1954.

Neste momento, Sr. Presidente e Srs. Deputados, queremos deixar aqui o registro da nossa expressão de pesar à viúva do grande homem público cearense, que

tor de vários livros de literatura e de história, membro do Instituto Histórico do Ceará, José Bonifácio deixa lacuna impreenchível. Sua vasta experiência, seu bom-senso, seu caráter retilíneo, tôda a sua vida, enfim, estêve a serviço daquele Estado. Deixa numerosa prole e a enlutada espôsa, companheira de tôda a vida, dona Lígia Firmeza de Sousa.

Dentre seus filhos, o Dr. José Maria Firmeza de Sousa, atual gerente do Banco do Nordeste, de Fortaleza, segue a tradição de seu honrado pai, abraçando a carreira bancária.

Sr. Presidente, ao fazer êste registro de tão infausto acontecimento, quero deixar cair desta tribuna a minha lágrima pessoal de saudade pela perda do bom amigo, que não é uma lágrima isolada: nos olhos de todos os cearenses, no dia de hoje, certamente, há lágrimas de saudade, deplorando a perda do grande cearense e do amigo que em vida foi José Bonifácio de Sousa. (O orador é abraçado).

(*Diário do Congresso Nacional*, Seção I, 18 de abril de 1970.)

MEU AMIGO BONIFÁCIO

José Denizard Macedo de Alcântara

A mais pesarosa emoção atingiu as fontes profundas da minha sensibilidade ao receber, naquela triste manhã, em plena rua, a infausta notícia do falecimento de José Bonifácio de Sousa, ocorrido em lutuosa madrugada do abril que passou. Correr imediatamente à Capela da Santa Casa de Misericórdia foi a reação imediata, procurando render ao amigo morto o tributo da mais sincera amizade e admiração.

Outro impacto, porém, foi receber, à tarde, por ocasião do serviço fúnebre, a notícia de que a presidência do Instituto do Ceará mandava pedir que o orador oficial da Casa pronunciasse a palavra derradeira de saudade e de estima ao confrade talentoso e culto que partia dêste vale de lágrimas e que tanto ilustrara a Casa do Barão de Studart por bons e leais serviços a par de valiosos trabalhos e inteligentes contribuições às atividades intelectuais do nosso sodalício.

Fi-lo, sepultando no fundo d'alma os mais sombrios sentimentos, agravados pela hora crepuscular, no desejo de bem cumprir a missão para que fôra designado. A boa vontade da oratória improvisada pôde sòmente esboçar no desataviado da frase e no desalinho das idéias um

pálido esbôço da vigorosa e rica personalidade de José Bonifácio de Sousa, com tantas e variadas facêtas, chegadas de chôfre à memória do orador no tropel atribulado das recordações de muitos anos.

Volto-me ao passado e de lá rebusco a mais antiga lembrança do meu amigo Bonifácio, a de uma estimuladora, sóbria mas entusiástica carta dirigida, naquele já longínquo e recuado ano de 1933, ao pequeno grupo de jovens ginasianos do Crato que se angustiavam com os problemas nacionais após as desilusões da revolução de outubro de 1930 e esperavam encontrar o caminho da regeneração nacional na áspera campanha cívica desencadeada pelo Integralismo Brasileiro nos diversos quadrantes da Pátria.

Bonifácio, com aquela tranqüila discrição mas inquebrantável decisão — duas vigas mestras do seu caráter — firmara atitude no conflito ideológico que se aprofundara na opinião nacional após 1930. Já bacharel em Direito e funcionário graduado do Banco do Brasil, mas intelectual de raça e homem de estudos de acendrada vocação, a exemplo do seu colega pernambucano, o ilustre e combativo Manuel Lubambo, nas atividades áridas do trabalho bancário ou nos lazeres da profissão, encontrava sempre algo para enriquecer a extensa e sólida cultura.

Membro da Ação Integralista Brasileira no Ceará, integrante do seu Conselho Provincial, o gabarito dos seus estudos e o porte de sua lúcida inteligência credenciaram-no para Secretário Provincial de Estudos daquele patriótico movimento, polarizando assim trabalhos e pesquisas em tôrno da então já suficientemente complexa realidade brasileira.

Quando o vendaval do golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 cerrou as portas da política ao Integralismo Brasileiro, começando a hora amarga das perseguições injustas e mesquinhas, das calúnias e das co-

vardias que não valem a pena serem recordadas, José Bonifácio de Sousa buscou no caráter inamoldável, na segurança de uma consciência tranqüila, na fidelidade aos princípios escolhidos, as energias necessárias para vencer a maré montante dos que procuravam destruir em todos nós o sagrado relicário da nossa honra cívica de bons brasileiros, jamais se afastando da linha de altaneira e silenciosa dignidade, de discreta mas firme fidelidade ao que sempre julgou consentâneo aos melhores interêsses nacionais.

Um episódio, rico de significação humana mas reservado e singelo como convinha ao seu caráter infenso a qualquer alarde, bem atesta esta conduta honrosa e decente. Creio que ainda ao fragor da Segunda Guerra, os azares da carreira bancária distanciaram-no de Fortaleza por alguns anos. Poderia no Crato, na Bahia ou em outra parte do País redefinir sua opção política. Deixou para fazê-lo anos depois, ao retornar a Fortaleza, galgando espontâneamente as escadas da sede do Partido de Representação Popular, o herdeiro doutrinário e político do Integralismo, para fazer a inscrição partidária sob os aplausos de velhos, leais e dedicados companheiros de sempre. Nenhuma lição de coerência e lealdade poderia ser mais eloqüente e falar tão alto da sua fibra de homem de bem, de um só rosto e de um só parecer.

Como cidadão de altas e acrisoladas virtudes, foi sempre um interessado nas coisas públicas mas nunca nos cargos públicos, que ocupou raras vêzes e sempre com uns laivos de contragôsto, dada sua costumeira modéstia, tangido invariàvelmente por motivos nobres e relevantes. Vimo-lo recusar sucessivamente candidaturas a cargos eletivos pelo nosso Partido como também uma posição de relêvo no Govêrno Virgílio Távora, também por indicação partidária. E, se ao término da benemérita existência, aceitou uma secretaria de Estado, fê-lo motivado por fortes sentimentos de amizade, face aos instantes e reiterados apelos do governador Plácido Castelo.

Essa, ao meu ver, uma das mais valiosas facêtas de José Bonifácio de Sousa. Caráter austero, honestidade inquebrantável, ao contrário de muitos que fazem da honradez de propósitos uma couraça anteposta aos apelos da amizade e do generoso servir, êle soube realizar a conciliação das duas coisas aparentemente antagônicas. Foi sempre bom e prestativo com amigos, sem que isto o afastasse um átimo no cumprimento do dever nem tampouco um milímetro sequer dos rígidos e austeros princípios que nortearam sua preciosa vida.

De mim, atesta-me a qualidade excelsa o meu íntimo e silencioso agradecimento ao bom amigo cuja oportuna intervenção proporcionou ao jovem estudante recém-chegado do Crato, em 1939, o primeiro emprêgo que possibilitaria a sobrevivência e o prosseguimento dos estudos superiores até 1944, quando conquistei, por concurso, a minha cátedra na antiga Escola de Cadetes.

Da sua competência profissional falam alto a longa carreira no Banco do Brasil, ocupando cargos de destaque, a designação para interventor do Banco Popular de Fortaleza, em 1942, a superintendência do Banco do Nordeste do Brasil, ao lado de Rômulo de Almeida, na dura fase inicial de sua implantação. Do intelectual comprovam o irrecusável valor as monografias e trabalhos publicados, o respeitoso prestígio entre os seus pares no venerando Instituto do Ceará e a freqüência continuada às páginas de sua Revista. Do cidadão eminente e chefe de família exemplar, proclamam as virtudes peregrinas, a lisura de uma vida pública sem mácula, o apêgo ao berço natal, o querido Quixadá — objeto de uma rica monografia e cuja sedução telúrica fê-lo retornar à terra como fazendeiro, ao fim da carreira bancária — e o imenso pesar trazido pelo seu desaparecimento à família inconsolável e aos amigos acabrunhados pelo inesperado e lutuoso evento.

Não poderia cerrar essa página descolorida e triste sem evocar duas facêtas das mais fundamentais e ricas

da individualidade do meu saudoso amigo. Quero aludir ao professor seguro e cônscio dos seus deveres magisteriais e ao cristão sincero, católico, profundamente apegado à ortodoxia, tão ferida e açoutada pelo "progressismo" dos nossos tempos, a pretexto de "ventos da História" pèssimamente auscultados por pilotos eclesiásticos, bisonhos e inexperientes dos ensinos da Mestra da Vida.

Nosso professor nos idos de 1930 a 1944, na Faculdade de Ciências Econômicas, então particular, da qual foi um dos professôres fundadores, José Bonifácio de Sousa ali lecionava uma matéria ingrata e difícil, para a qual inexistia bibliografia na época, a chamada "Economia Bancária", rebatizada nos currículos atuais com a designação de "Moeda e Crédito". Entrava pontualmente em sala ao tocar a sinêta, não faltava aula, e ministrava a matéria integralmente nos 50 minutos do tempo letivo, com aquela singeleza didática e clareza de exposição, sem arroubos mas com o máximo desvêlo, que o faziam estimado e respeitado pelos dirigentes.

Sua ausência do Ceará por algum tempo e a encampação da Faculdade pelo Govêrno Estadual impediram-no de continuar pertencendo ao nosso corpo docente. Por isto, ao retornar ao Ceará, procurou satisfazer os pendores para o ensino, lecionando História do Brasil na Faculdade Católica de Filosofia. Quando motivos supervenientes desviaram-no definitivamente das lides do magistério, fêz questão cerrada que eu o substituísse no ensino da História Pátria. Temia, e com razão, que alguém, menos seguro nos princípios que nos conhecimentos, viesse a ocupar a cátedra, deturpando o ensino da nossa formação histórica com desvios ideológicos e deformando a mente e as idéias dos jovens acadêmicos e professorandos, destinados a exercitar o magistério para adolescentes em nível secundário.

O cristão, o católico, o ortodoxo, êste está manifesto ao longo de uma vida fecunda, cheia de pias preocupa-

ções, rasgos de bondade e fiel cumprimento dos deveres religiosos ou das mais vivas preocupações com a sorte e os problemas da Igreja atual, avassalada por crises que inquietam desde o Papa até o mais humilde dos leigos. O mordomo da Santa Casa de Misericórdia, o vicentino partícipe do Conselho Metropolitano, o leitor assíduo e fiel assinante da revista *Permanência*, de Gustavo Corção, baluarte da ortodoxia plantado nessa terra de infiéis que é o mundo de hoje, faziam-no um dos grandes vultos do laicato católico do Ceará, da mesma linhagem a que pertenciam vultos de esplendor de um Barão de Studart, um Soares Bezerra, um Andrade Furtado.

Não foi sem razão que um dos seus primeiros trabalhos publicados em opúsculo, em 1945, versou o varão de Plutarco que foi meu conterrâneo, o cratense ilustre Leandro Bezerra Monteiro, católico intrépido da defesa da Igreja e dos Bispos de Olinda e Belém na malfadada questão religiosa criada pelo galicanismo do gabinete de Rio Branco. A escolha do tema para uma conferência na Aação Católica da Diocese do Crato revela uma rica afinidade espiritual, pois o biógrafo tinha as dimensões morais e intelectuais do biografado, vergônteas de uma mesma estirpe.

Não furto ao prazer de transcrever o trecho final com que José Bonifácio de Sousa, sintetizando a personalidade de Leandro, fêz também de certa forma o seu auto-retrato:

"Ultramontano! — Era o brado com que se procurava ferir, naqueles ominosos tempos, a todos quantos não transigiam com os princípios de fé, já então minados pelo nefasto liberalismo filosófico. Decorridos 70 anos, parece estar naquele epíteto a maior parte do mérito de Leandro Bezerra Monteiro. Mérito inestinguível, porque não se buscou a si próprio se não a glória daquêle que veio para reinar e um dia reinará na plenitude de seu poder."

Morto meu amigo Bonifácio, resta aos que o estimaram em vida apenas a consoladora esperança que, ao abrir-se a terra generosa do Ceará para receber o corpo inanimado do filho amantíssimo, rasgavam-se também as portas da eternidade no Céu, cumprindo-se, mais uma vez, aquela bela epígrafe inscrita na lápide funerária de Chesterton: *Vitam sine termino nobis donet in patria.*

(Jornal *O Povo*, 9 de maio de 1970).

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

José Aurélio Câmara

"Já se vai sentindo que rareiam os homens de bem" — escrevia João Brígido há quase setenta anos em artigo na imprensa local. E foi esta frase amarga do velho jornalista o que me veio, de pronto, à mente ante a informação do absurdo e inesperado falecimento de José Bonifácio de Sousa.

De fato, um homem de bem a tôda prova é o que era, sobretudo, aquêle quixadaense honesto e digno, dono de uma cultura sem alarde e de uma operosidade que ignorava as fadigas dos seus 69 anos.

Homem sério, modesto possuidor de predicados que bem poderiam fazê-lo orgulhoso, escondendo na sua simplicidade uma alta qualificação moral e intelectual, era José Bonifácio dêsses indivíduos raros que convidam à estima e à admiração.

Não pertencia ao rol dos que fazem concessão à popularidade fácil, nem era dos que distribuem elogios a méritos discutíveis. Justo e correto na sua análise, era incapaz de conceder a anuência do seu aplauso ao que lhe parecesse passível de censura. Mas a sua inata bondade, o seu natural cavalheirismo, levava-o sempre, em tais casos, a uma atitude de recato, e seria o último homem a vir a público para denegrir reputações ou verberar procedimentos menos dignos.

Só aos íntimos, aos que mereciam a honra da sua amizade, raramente se abria numa crítica velada, expressa com prudência, sem a leviandade daqueles censores desautorizados que tanto se multiplicam em nosso meio.

Conheci-o no Instituto do Ceará quando ali ingressei há quinze anos. Pertencia à velha guarda daquela Casa, que encontrei atuante e ilustre, dando nome e brilho à instituição, e de onde vários, como Pompeu Sobrinho, Renato Braga, Dolor Barreira, Andrade Furtado, desertaram já, para ingressar, como êle agora, no mundo dos mortos.

Seu bom senso, sua seriedade, seu seguro conhecimento dos homens e dos fatos do passado cearense, davam autenticidade e justiça à sua presença na Casa do Barão de Studart.

Assim sempre o considerei. E quando, por alguns meses, ocupei interinamente a presidência do Instituto, jamais deixei de apelar com êxito para sua cooperação inteligente e prestimosa, quer designando-o para orador de solenidades, quer fazendo-o integrar comissões da maior responsabilidade, como a que foi constituída para estudar a discutida prioridade dos espanhóis na descoberta do Brasil e suas implicações na História do Ceará.

Sempre se portou com absoluta dignidade e elevação de atitudes em tôda sua vida pública. Nos postos mais destacados que ocupou, no Banco do Brasil, no Banco do Nordeste e, recentemente, na Secretaria de Administração do Estado, um incomum espírito público e o mais admirável senso de responsabilidade foram a marca da sua passagem.

Ainda poderia fazer muito, sobretudo no domínio da historiografia cearense, onde sua morte abre lacuna. Dentro de alguns anos, cumpre frisar aqui, já não haverá nesta terra pessoa com quem se possa falar sôbre a

História do Ceará. Os mestres, os sabedores, estão desaparecendo, e aos moços não interessa o assunto. Duvido muito que entre os milhares de estudantes cearenses, de nível médio ou superior, se encontre uma dúzia que seja capaz de escrever dez linhas sôbre Soares Moreno ou sôbre a Revolução de 1824 no Ceará.

José Bonifácio de Sousa deixou inéditas páginas inteiras sôbre aspectos os mais interessantes da nossa evolução sócio-econômica. Possuía notas preciosas que escreveu ou coligiu ao longo da existência, e pretendia escrever, e creio mesmo que chegou a iniciar uma História do Comércio Cearense, assunto em que muito se documentara.

Tanto êle como Renato Braga cometeram o pecado de que se queixava Capistrano de Abreu no fim da existência — acreditar na brevidade da arte e na extensão da vida. A morte chegou a ambos inesperadamente, não lhes permitindo completar a obra iniciada com tanto amor e que tão brilhante já se afirmava.

(Jornal *O Povo*, 25 de abril de 1970).

O HOMEM PADRÃO

Dom Expedito Eduardo de Oliveira

Surpreendeu-nos a notícia do falecimento do Dr. José Bonifácio de Sousa, em Fortaleza. Acreditávamos que a sua existência temporal ainda se poderia prolongar, por muitos anos, dada a sobriedade de vida e de hábitos tão conhecidos. Mas a irmã morte não tem preferências e leva, de vez em quando, pessoas cuja sobrevivência era muito para desejar.

Habituamo-nos a ver José Bonifácio naquela sua maneira de portar-se como homem de bem e cavalheiro *sans peur et sans reproche*.

Calmo, tranqüilo no falar e no agir, parecia ter a segurança dos que não costumam errar. Espírito aberto às nobres iniciativas, não lhe era indiferente ver o Brasil caminhar por sendas tortuosas, razão por que não se arrecadou de participar de um movimento nacionalista cuja veracidade e sinceridade lhe pareceram dignas do seu apoio. Referimo-nos ao Integralismo a que José Bonifácio emprestou muito da sua inteligência de escol.

Retraído, infenso a lutas partidárias, dava o melhor do seu esfôrço ao mister que desempenhava, com critério e capacidade, a ponto de ter sido o interventor indicado para acompanhar certa instituição bancária do

Ceará, numa fase ingrata de possível falência, o que, felizmente, não ocorreu.

Homem do lar, padrão de honestidade, deixa um nome ilibado e um patrimônio moral para sua digna família.

O setor da Administração Estadual, precisando de alguém para dirigi-lo, foi encontrar, na pessoa de José Bonifácio, o cooperador hábil e consciente para um Govêrno desejoso de acertar. Bonifácio (como lhe chamávamos) foi um dos homens apolíticos escolhidos pelo Dr. Plácido Castelo.

Fina-se, agora, quase inesperadamente, a vida temporal de José Bonifácio. O prêmio dos bons aguardava-o mais cedo do que esperávamos. Sim, porque não há dúvida de que também para êle é o céu dos que cumprem o seu dever, na terra.

Cristão, não só. Católico exemplar, cumpridor dos deveres para com Deus e a Igreja, jamais se temeu de mostrar, sem ostentações descabidas, a sua qualidade de bom filho de Deus. Cremos que o acervo de bondades deixado por Bonifácio à família e aos amigos é o melhor patrimônio de homem pobre e muito pobre.

Rendemos-lhe, nesta página, uma homenagem sincera e desinteressada, sem nenhuma eiva de adulação ou de encômios baratos ou encomendados.

Numa época em que pseudos valôres tanto se exaltam, sem a mínima razão de ser, é justo que se ressalte a grandeza de um homem simples e correto no desempenho de sua tarefa de cidadão, de cristão, de pai e de amigo.

Se existem sombras no quadro de sua existência terrena, quem não as tiver lhe atire a primeira pedra. Defeitos deveria tê-los, pois não há, aqui na terra, "bom sem defeito".

Mas a virtude é positiva e tem também o condão de apagar, diante do próprio Deus, as falhas de seus filhos.

A distância em que vivíamos não nos permitiu mais um encontro, sequer, ocasional. Mas, de longe, apreciávamos a sua conduta de homem exemplar, paradigma para os seus contemporâneos.

O Govêrno do Estado lhe prestou sentidas homenagens. Dever de justiça. Os parentes e amigos sentem a falta, de algum modo, insanável dêsse HOMEM PADRÃO.

(*A Fortaleza*, 3 de maio de 1970).

JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

Humberto R. de Andrade

O Ceará acaba de perder um filho ilustre, cidadão dotado de invejáveis predicados de coração e espírito.

Atitudes habitualmente tranqüilas, avêsso a exibições, manso, mas não insensível, culto, honesto, operoso, humano eram qualidades que exornavam o caráter do Dr. José Bonifácio de Sousa.

Fazia-se, assim, estimado por quem dêle se aproximasse.

No exercício de funções públicas ou privadas, mantinha invariàvelmente procedimento correto. Funcionário do Banco do Brasil, atualmente já aposentado, exerceu altos cargos no conceituado estabelecimento.

Por último fazia parte do Govêrno Plácido Castelo, como Secretário de Administração, quando a morte o surpreendeu.

Em verdade, era padrão de homem bom e acolhedor, impondo-se à estima geral.

Admirador de seus dotes morais e intelectuais, mantivemos, desde longa data, cordiais relações, que me compraziam. Em encontros casuais de rua, nunca deixávamos de parar e manter palestrinhas sôbre fatos e

coisas da vida quotidiana. A nossa amizade vinha de seu saudoso genitor, cel. Alfredo de Sousa, fazendeiro em Quixadá, chefe político e deputado estadual.

Por justificados motivos, o meio social de Fortaleza abalou-se com o desaparecimento inesperado do valoroso conterrâneo.

(Jornal *O Povo*, 24 de abril de 1970).

MORREU UM HOMEM BOM

Themístocles de Castro e Silva

Quem conheceu José Bonifácio de Sousa, jamais deixará de lamentar seu desaparecimento. Na verdade, poucos homens, como êle, reuniam tantas qualidades, a principal delas não muito comum nos dias de hoje: a de um homem bom.

Tôda sua vida foi dedicada à família. Viveu com tôda aquela humildade dos homens bons, sem maldade ou egoísmo no coração e sempre disposto a utilizar, para quem o procurasse, o seu acendrado espírito de solidariedade humana.

Sua vida foi um exemplo de honestidade e desprendimento, dentro de uma modéstia que sempre o engrandecia. Por isso mesmo é que seu nome sempre era ventilado e lembrado para o exercício de destacadas funções públicas.

Eu, pelo menos, conheci José Bonifácio no início da atual administração. Dos contatos que com êle mantive, guardo de seu espírito e caráter a melhor das impressões. Apesar da idade, era um homem de extraordinária capacidade de trabalho, levando a sério tôdas as tarefas sob sua responsabilidade, qualquer que fôsse sua

natureza ou importância. Foi um dedicado auxiliar do atual Governador, a quem serviu com extrema lealdade e espírito público.

Ainda me recordo do dia em que fui ao seu gabinete tratar da publicação do meu *Antes e depois de 31 de março,* que está sendo impresso no Departamento de Imprensa do Estado. Enquanto esperava a vez de ser atendido, conversava com um amigo comum, que com êle privava mais do que eu. Foi quando êsse amigo me contou o seguinte fato:

Como proprietário de uma fazenda no interior, José Bonifácio passou a preocupar-se com a possibilidade de uma sêca. Até aí, nada de mais. A grande preocupação do fazendeiro, porém, não era com seu gado, com seu patrimônio, mas com seus empregados. José Bonifácio já tinha em mãos todos os cálculos de quanto iria gastar, por mês, em gêneros, com as famílias que lhe prestavam serviço na fazenda. Preocupava-se, assim, mais com seus moradores do que com êle próprio.

Nesse simples episódio está a dimensão do coração de José Bonifácio de Sousa, de sua alma bondosa, de seu espírito voltado para o bem.

Como figura humana, era a educação em pessoa, a todos recebendo com extraordinária fidalguia. Quem com êle convivia ou trabalhava ficava logo admirando suas qualidades de inteligência e de bom amigo.

Deixando êste mundo de dores e tentações, tenho plena certeza de que José Bonifácio está no lugar dos justos e dos bons. E sua família deve orgulhar-se do Chefe, pois o legado que lhe deixou é daqueles que perduram para sempre: o legado de um homem sério, cuja conduta, na vida, sempre foi um exemplo de bondade e de grandeza de espírito.

(Jornal *Correio do Ceará,* 25 de abril de 1970).

O PROFESSOR JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA

Ten.-Cel. Milton Alves Danziato

Fui seu aluno em 1958, na Faculdade Católica de Filosofia, hoje Faculdade de Educação do Ceará.

Era dos professôres que marcam não só a memória dos alunos, mas norteia tôda a sua personalidade.

Impressionava a sua pontualidade. À hora do sino, entrava em sala, sêco, conciso, preciso no expor. Justo com alunos e com personagens históricos de que falava.

Ficou-me, indelével, uma passagem. Falando sôbre a vinda de D. João VI para o Brasil, assim se expressou: "Foi bom para o Brasil, ótimo para a Inglaterra e péssimo para Portugal." Vários anos depois, encontrava eu a mesma imagem numa obra só agora publicada por Afonso Arinos — *História do Povo Brasileiro.*

José Bonifácio de Sousa conhecia como poucos a história do Nordeste Brasileiro. Foster, Fidié e Vinagre foram comentados com entusiasmo e erudição. Do último — lembro-me — contou que, apesar de banido, voltou ao Ceará, pagando dívidas e reabilitando sua fama pessoal.

Creio que seu arquivo muito ajudará a escrever a história completa do Ceará.

JOSÉ BONIFÁCIO, UM HOMEM AUSTERO

José Cláudio de Oliveira

"A vida não termina com a morte." São palavras do Santo Padre João XXIII. Foram as últimas pronunciadas pelo saudoso Pontífice. Acreditamos em Deus e estamos convencidos, pela vasta literatura especializada, pelas pesquisas, pelos estudos, que nascemos, morremos e renascemos. Só através das vidas sucessivas, hoje comprovadas cientìficamente, dentro da lógica, sem nenhum misticismo, podemos entender Deus. O médico católico, Dr. Gustavo Geley, após mais de trinta e cinco anos de profundas pesquisas, defendeu a tese kardequiana das vidas sucessivas.

Não queremos, porém, doutrinar nem condar a ninguém para a defesa dessa doutrina consoladora. Temos todos o livre arbítrio dado por Deus. Cada um pensa como raciocina.

O que nos importa, através destas linhas, é prestar uma homenagem muito comovida e profundamente sincera a um dos maiores homens da História do Ceará, recém-desaparecido do convívio dos encarnados. Referimo-nos ao eminente Dr. José Bonifácio de Sousa.

Uma afinidade muito grande nos unia e parece que ela vinha já de seu saudoso sogro, o nunca esquecido

mestre H. Firmeza, que tanto brilhou na cátedra como no jornalismo.

José Bonifácio de Sousa era um homem modêlo!

Secretário da Administração, bem doente, sofrendo dores atrozes, continuava a servir com a mesma austeridade e aprumo o Govêrno do Estado em homenagem ao seu grande amigo Dr. Plácido Castelo. Muitas vêzes chegamos ao seu gabinete e o vimos trabalhando doente.

Na última vez que fomos à Secretaria de Administração, logo ao ser anunciado, como sempre, imediatamente êle nos recebeu. Entregou-nos um envelope que guardamos com muito carinho, contendo um recorte de um artigo do notável escritor Gustavo Corção sôbre a grande obra do Dr. Mário Altenfelder como Presidente da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor. Grampeado, um cartão muito gentil: "Ao amigo e companheiro Zécláudio, para que seja o Altenfelder do Ceará. Cordialmente. Bonifácio."

No Gabinete do cel. Libório Gomes da Silva, Chefe da Casa Militar, soubemos pelo seu cunhado e nosso estimado amigo que êle encontrava-se internado na Casa de Saúde Eduardo Salgado. De lá saímos imediatamente a visitá-lo. Êle, barbeado, ao lado de sua espôsa e filhas, despachava papéis da Secretaria de que era o titular. Conversamos um pouco e procuramos animá-lo.

Dois dias após, antes de irmos saber o resultado da operação, fomos ao Departamento de Imprensa Oficial, onde recebemos a infausta notícia que muito nos abalou, apesar das nossas convicções espiritualistas.

Sempre pensando em têrmos de Brasil grande, com pontos de vista idênticos no que concerne aos fatos da História do Ceará, de que êle era mestre, tínhamos uma intimidade bem fraternal.

Recordamos com grande alegria ao visitarmos Guaramiranga, já à tardinha, quando o vimos com sua família na pracinha principal e logo tiramos uma fotografia. Com que alegria nos vimos então.

Não podemos pensar num José Bonifácio morto. Êle permanece mais vivo, não apenas em espírito, noutra faixa vibratória, como igualmente na memória e no coração de sua honrada família e de seus inúmeros amigos. O Ceará e o Instituto sentem profunda saudade de um HOMEM AUSTERO QUE VIVEU PARA SERVIR. Humilde, sábio, prudente, pai de família modêlo, o grande José Bonifácio continuará entre nós, através da sua obra de escritor, polemista, historiador e de cearense dos mais ilustres.

À sua espôsa, ao Rui e ao desembargador Virgílio Firmeza, aos seus filhos e filhas, noras e genros, netos e amigos, a nossa imensa solidariedade. (29.4.70.)

(Jornal *Tribuna do Ceará*, 4 de maio de 1970).

MEU TIO

Laís Montenegro

Um pisar macio trazia a presença de um homem esbelto, tranqüilo, sereno e de uma energia terna.

O cultivo da inteligência, da moral, do saber, da integridade, fizeram dêle a figura respeitada e apreciada por tôda a família e amigos.

Um olhar sereno feito de olhos claros e límpidos era o que mais me impressionava em meu tio. Além do gesto afetuoso que sempre me dispensava com o tratamento que já se lhe tornara peculiar: "Como vai, *bichinha?*" E, assim, inquirindo sempre se eu estava bem, ia deixando motivos gratos e afetuosos para eu lhe querer muito bem.

E foi tão profundo êste bem, que, ao escrever estas linhas, lembrando-me dêle, tão inesperadamente roubado ao nosso convívio, sinto os olhos rasos d'água, testemunhando a grande perda do coração.

Era de uma simplicidade admirável, rara em um homem de posição. O principal, para êle, no cargo que ocupava, não era o destaque, o prestígio, os programas sociais, mas o trabalho generoso e desinteressado.

A humanidade já lhe era uma característica constante.

Promover o homem era, para êle, promover o mundo numa de suas parcelas.

Dedé, muito já se disse de suas inúmeras qualidades. Estas minhas pobres linhas não são, senão, mais que uma manifestação do coração que ainda o aprecia, o estima mesmo na distância.

Hoje, poucos homens como o senhor.

Podia ter vivido muito mais conosco, mas, Deus precisou de mais uma centelha perto d'Êle, para proteger-nos do Alto.

O que viveu na terra foi tão profundo que garantiu uma felicidade duradoura no céu, ao mesmo tempo que nos transmitiu a medida exata de uma personalidade viva e marcante.

NÔVO SECRETÁRIO PROMETE DEDICAÇÃO E TRABALHO

Luciano Tôrres de Melo

O médico Luciano Tôrres de Melo assumiu, ontem, a Secretaria de Administração do Estado, em solenidade ocorrida às 11,30 horas, no Salão Nobre do Palácio da Aldeota, perante grande número de autoridades. Ao empossá-lo o sr. Plácido Castelo disse acreditar no êxito de sua nova missão, principalmente depois do trabalho que desenvolveu à frente do IPEC.

Compareceram Secretários de Estado, Presidente Regional da ARENA, sr. Gentil Barreira, deputados federais, estaduais, diretores de emprêsas mistas, sr. Edival Távora, Presidente do Tribunal de Contas, amigos e familiares do nôvo Secretário. A transmissão do cargo teve lugar às 16 horas.

DISCURSO

O Secretário de Administração, Luciano Tôrres de Melo, proferiu o seguinte discurso quando de sua posse:

"Retenho ainda bem vivo na memória, especialmente nesta ocasião, o apêlo em tom dramático que, a 2 de abril passado, me fazia o Dr. José Bonifácio para que

não abandonasse a vida pública e, mesmo à custa de ingentes sacrifícios, decepções e desestímulos, não desvanecesse no esfôrço de contribuir para o soerguimento da administração. Naquela ocasião, deixava eu a presidência do IPEC, e ouvia com indisfarçável emoção as palavras firmes e cheias de sinceridade daquêle que, duas semanas depois, dolorosamente nos deixava para sempre. Premido pela dor que já o consumia, êle fôra obrigado a abandonar, por um instante, a solenidade que presidia, retornando em seguida para, com visível esfôrço, quase sôbre-humano, dar a um jovem, quase como um pai, o melhor dos seus conselhos. Foi justamente em homenagem a êste homem tão excepcional, foi em obediência à sua orientação, que decidi aceitar o encargo para cuja indicação fui honrado com a escolha do Sr. Governador.

Fi-lo, igualmente, com a lembrança voltada para aquêle que, com energia, dedicação e carinho, nos ensinou desde cedo a palmilhar os caminhos da coragem, da honradez e do trabalho. Decerto, se o Criador nos tivesse dado a suprema felicidade de tê-lo aqui, entre nós, neste instante, seu coração certamente estaria cheio de orgulho paterno, e as lágrimas de ternura transbordariam de seus olhos. Dêle resta a imensa saudade, mas também os elevados princípios que norteiam e haverão de nortear o comportamento dos seus filhos na vida pública.

Sei das dificuldades que terei à frente da Secretaria de Administração e da exigüidade do tempo de que disponho. Mas acostumei-me, na vida pública, aos desafios e não temo o trabalho. Infenso a promessas bombásticas e de cunho quase sempre demagógico, prefiro prometer apenas ação incansável que certamente produzirá frutos. Estou convicto da dimensão das tarefas que me esperam e da necessidade que tem o Govêrno de contar com um instrumento auxiliar na sua dinâmica administrativa, capaz de atender às suas reais necessidades.

Com um volume de atribuições, a Secretaria de Administração, com efeito, tem sob sua subordinação ou vinculação, importantes órgãos como o Instituto de Previdência do Estado do Ceará, o Departamento do Serviço do Pessoal, o Departamento de Imprensa Oficial e o Departamento de Organização e Treinamento, todos com responsabilidades definidas no complexo administrativo e relevantes serviços prestados à administração. Reforçá-los, dinamizá-los e fazê-los produzir ainda mais, ajustando-os às modernas estruturas ou oferecendo-lhes novos programas de trabalho, deve ser uma constante preocupação da Secretaria que ora assumo. A rápida movimentação dos processos e a correção na forma dos atos administrativos definem a organização de um govêrno e identificam qualitativamente seus assessôres. Daí justificar-se a preocupação com êsses aspectos essenciais da dinâmica administrativa.

Meus senhores:

Quando em maio de 1964 recebia a incumbência do então comando revolucionário, de assumir, na qualidade de interventor militar, o contrôle de um órgão federal, declarei que o fazia na expectativa de poder cumprir, na prática do dia-a-dia, aquêles ideais e princípios pelos quais eu e os meus sempre lutaram e que nos custaram perseguições nos tempos idos. Hoje, mais do que em qualquer época, continuamos aferrados à idéia de que a moralidade administrativa, o espírito público no exato sentido da expressão, a dedicação ao trabalho e a luta sem quartel contra os aproveitadores e sabotadores, ostensivos ou subreptícios, constitui um dever de honra de todos aquêles que deram a sua colaboração e o seu sacrifício para desviar a nação do caminho suicida da comunização, da anarquia. Ora sofisticados, ora sem máscara, os inimigos continuam a nos enfrentar, sendo nossa res-

ponsabilidade combatê-los e derrotá-los com o exemplo da reconstrução nacional, do progresso e do desenvolvimento. É com essa inarredável disposição que assumimos mais êsse pôsto.

A S. Exa. o Sr. Governador Plácido Castelo, a cuja administração, com muita honra para mim, venho servindo desde o início, desejo agradecer mais essa prova de confiança demonstrada em meu trabalho e assegurar que tudo farei para corresponder.

Muito obrigado."

(Jornal *O Povo*, 20 de maio de 1970).

UMA PRESENÇA

Pedro Paulo Montenegro

(Discurso proferido, em nome da família, em sessão de homenagem póstuma a JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA, no Inst. do Ceará)

Dia a dia, no mundo moderno, vemos esgotarem-se as últimas conseqüências da insurreição e da rebeldia contra o Absoluto. Deus e seus valôres são postergados enquanto se subvertem os princípios de ordem hierárquica daquilo que veio a constituir a conquista da civilização cristã no Ocidente.

Os resultados estão inscritos em nossas almas, neste desespêro, nesta angústia que nos mantêm sufocados e nos impede de respirar.

Nem tudo, porém, estará perdido enquanto formos capazes de acreditar e de confiar no homem. Essa crença é solidária de uma outra fé, na transcendência de Deus e na divindade de Cristo.

Se isto é válido no domínio universal da civilização, o é, em profundidade, muito mais, no domínio particular de uma família que foi estritamente desenvolvida e alimentada à sombra de uma "presença".

A *grande presença* é a única imagem que me acode para explicar, no seio de nossa família, a personalidade de JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA — o José, o Bonifácio, o Dedé. Cada um dava-lhe um tratamento familiar diferente, mas todos nêle encontravam o exemplo, a proteção, a segurança.

Se foi filósofo Cícero quando escreveu, em suas *Filípicas,* que "a vida dos mortos perdura na memória dos vivos", não necessitamos de filosofia, mas de sensibilidade tão-sòmente para testemunhar, no íntimo de nossos espíritos, a grande luta dessa imensa "presença" — a *presença* sem adjetivo, diríamos melhor, contra a invasão de uma ausência que não pode ser.

Não; "não é morrer, já concluíra Campbell, o viver nos corações que deixamos nos pósteros". José Bonifácio de Sousa vive e viverá nas mentes e nos corações que lhe eram caros, nos seus familiares a quem legou a mais valiosa das heranças; a honradez de caráter aliada à mais profunda seriedade de atitudes, nos seus colegas de Banco do Brasil, a quem deixou lembrança de competência e de melhor companheirismo, em seus amigos na administração do Estado do Ceará, a quem deu provas constantes de lealdade e capacidade, em seus pares no Instituto do Ceará, a quem devotou a maior admiração e os momentos mais felizes de sua vida consagrados à pesquisa e aos estudos da história e da tradição de seu Estado natal.

Filho de Alfredo Pereira de Sousa e de dona Amélia Abreu de Sousa, ainda viva, aos 95 anos de idade, nasceu José Bonifácio de Sousa em Quixadá a 1.º de novembro de 1901 e faleceu em Fortaleza, no Pensionato Eduardo Salgado, da Santa Casa de Misericórdia, a 17 de abril de 1970.

Foram 69 anos de vida que construiu vigilantemente, dia a dia, desde o início de seus estudos no Mosteiro de São Bento na Serra do Estêvão, passando por estudos preparatórios no Rio de Janeiro, no Colégio Castelo

Branco e no Liceu do Ceará. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, na turma de 1930, onde nasceu a amizade com seu confrade neste Instituto Histórico e Governador do Estado, Dr. Plácido Aderaldo Castelo, com quem, em nome desta amizade, por desprendimento de si próprio e acendrado amor ao Estado, aceitou colaborar ativamente na Secretaria de Administração do Estado, como titular, e, por várias vêzes, interinamente, nas Secretarias da Fazenda e da Agricultura.

Diplomado também em ciências contábeis e pesquisador ativo de nossa História, entregou-se ainda às lides do magistério, lecionando na Faculdade de Ciências Econômicas — Economia Bancária, na Faculdade de Filosofia, hoje Faculdade de Educação do Ceará — História da Civilização Brasileira, e dirigindo as Escolas Profissionais do SENAC em Fortaleza.

Ingressou, por concurso, no Banco do Brasil, percorrendo tôda a carreira, em vários postos nos estabelecimentos que mantém a Instituição no Norte, Nordeste e Centro-Leste do País. Assim, além de Fortaleza, exerceu as funções de contador em Parnaíba (Piauí), gerente em Crato (Ceará) e Manaus (Amazonas) e Inspetor na zona cacaueira da Bahia: Itabuna, Ilhéus e Belmonte. Colaborou na instalação do Banco do Nordeste do Brasil, onde foi Superintendente e Diretor.

Tôdas essas múltiplas atividades e posições que, por si, falam a cada um de seus familiares e amigos de uma figura exemplar, capaz de motivar a todos a procurar, com dignidade, um *status* e um papel na sociedade, não bastaram a seu grande ideal na vida: a pesquisa histórica.

Fundador da Sociedade Cearense de Geografia e História e membro do Instituto do Ceará, aprendera cedo a lição de Seignobos de que "a história se faz com documentos", e de que êstes "são os traços que deixaram os pensamentos e os atos dos homens do passado". Vai, então, pautar tôda a sua vida, sem prejuízo das funções

bancárias, docentes ou administrativas, — antes, até em razão daquelas mesmas funções — por um esquema mental que o norteará incessantemente para uma busca sôfrega de documentos, numa primeira etapa, e, numa segunda, mais valiosa que a primeira, para uma meticulosa análise dêsses documentos. E a morte — ceifeira implacável — vai colhê-lo justamente quando mais reunira e analisara e tão-sòmente retardara a publicação à espera de uma última demão por êle tão desejada e sempre tão generosamente adiada para atender a solicitações de ajudas no setor político e social, no campo da administração estadual ou da assistência rural aos moradores de sua fazenda em Quixadá.

Dentre seus trabalhos, fruto de minuciosa pesquisa histórica, destacam-se:

— *Leandro Bezerra Monteiro* (Esbôço Biográfico) de 1945;
— *Serra de Estêvão*, de 1947.
— "Discurso de Posse no Instituto do Ceará", versando a vida e a obra de Eusébio de Sousa, Joaquim Catunda e mons. Bruno Figueiredo, de 1950.
— *O Centenário de Tomás Pompeu de Sousa Brasil*, de 1952;
— *Formação Histórica do Comércio Cearense*, de 1954;
— *Quixadá — De Fazenda a Cidade*, de 1960.

Em *Leandro Bezerra Monteiro*, estuda uma das páginas candentes da História de nosso Império: a questão religiosa. Mostra o biógrafo tôdas as facêtas do cratense ilustre: sua influência entre colegas da Faculdade do Recife, o exercício de uma brilhante magistratura em Sergipe e, sobretudo, sua destacada posição na Câmara, por três vêzes eleito, onde se revelou grande militante no Partido Conservador, vergastando, porém, o gabinete Rio Branco e só descansando quando, substituído êste pelo Duque de Caxias, se deu a anistia dos bispos e se procurou um fim honroso para a questão.

Em *Serra do Estêvão,* traça com esmêro e mais do que esmêro, carinho, o perfil cultural de uma época de ouro que se desenvolveu no Mosteiro-Colégio, hoje Casa de Repouso, nas proximidades de Quixadá. É o memorialista sentimental que, sem sufocar o historiador objetivo, se deleita em narrar coisas que lhe foram familiares na infância, quando freqüentou a escola de oblatos fundada a 10 de março de 1913 por dom Ruperto Rudolph.

Em *Quixadá — De Fazenda a Cidade,* vemos o historiador aliado ao sociólogo. É estudada, num período de dois séculos, de 1755 a 1955, uma comunidade rural típica do Ceará, quiçá a mais típica, porque chega à conclusão seu autor: "A crônica desta terra é o resumo da história de todo o vasto sertão em que se acha encravada. Não há, talvez, outro município no Ceará que melhor caracterize a formação da sociedade rural, desde a fase inicial da ocupação até o atual estágio de desenvolvimento."

Aí tudo perquire, examina e analisa, do ponto de vista histórico e sociológico. É o aldeamento dos Canindés e Genipapos, o devassamento da zona, "as duas léguas de caatinga, uma casa de taipa e um curral comprados pela quantia de duzentos e cincoenta mil réis, pelo capitão José de Barros Ferreira em 1747 a Manuel da Costa Travassos, morador na capitania do Rio Grande. O nome de Quixadá, o advento e o desenvolvimento da vida religiosa, as famílias pioneiras: os Lemos e os Queirozes, a legislação nascente, as tradições, a economia pastoril e agrícola; as obras contra as sêcas, obras de resgate do homem, centralizadas no monumento arquitetônico que é o açude do Cedro e no colosso de riqueza para a região que é o açude do Choró. É a pequena açudagem que se multiplica e fixa o homem à terra. Enfim, tôda a formação administrativa, econômica e social. E as irradiações levadas pelo Brasil afora de filhos ilustres daquela terra, de início cognominada "curral da fome", hoje cidade próspera, de economia consolidada. São

médicos, advogados, magistrados, engenheiros, professôres, jornalistas, comerciantes nos grandes centros do Sul do País, que, como êle — José Bonifácio de Sousa, se esforçaram ou continuam a fazê-lo para construir e produzir.

Êste livro, publicado pelo Conselho Nacional de Estatística do IBGE, foi escrito com inteligência e experiência de historiador e sociólogo, mas, sobretudo, com carinho e deslumbramento de um espírito entranhadamente apaixonado pelo rincão sertanejo que o viu nascer, o viu dar os primeiros passos nas coisas do espírito entre os monges beneditinos, o viu homem de negócios na administração de uma fazenda, tida hoje como modêlo, e o viu zelador e conservador vigilante de suas tradições e de seus valôres.

Outros de seus trabalhos, encontramo-los esparsos pela *Revista do Instituto do Ceará,* onde focaliza personalidades de vultos como Eusébio de Sousa, Joaquim Catunda, mons. Bruno Figueiredo, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, ou o desenvolvimento do comércio cearense.

Mas — ó tragédia do destino humano! — o melhor de si, aquilo que acariciava em seus longos momentos de meditação, roubados às noites ou às madrugadas de repouso, ao convívio com os seus em domingos e feriados, ficou inédito. São pesquisas valiosas em continuação ao *Dicionário Biobibliográfico* do Barão de Studart, são dados coligidos e analisados para uma história econômica do Ceará, são informações para estudos da vida religiosa em nossa terra, são subsídios para uma História dos Grandes Vultos Cearenses.

Por tudo isso, José Bonifácio de Sousa não pode ser uma ausência. Ficou. Permanecerá na lembrança e no afeto de seus familiares, na simpatia de seus amigos e correligionários, e neste Instituto do Ceará, ao qual sempre devotou a máxima consideração e emprestou a mais irrestrita colaboração e que, hoje, abre suas portas numa

homenagem póstuma, para reconhecer-lhe, de público, os méritos.

Em nome de sua família e com a alma dilacerada pela saudade de meu tio, meu sogro, meu conselheiro e meu amigo, trago agradecimentos ao Sr. Presidente dêste Instituto, à mesa Diretora dêstes trabalhos, a cada um dos membros da Agremiação em que só via um companheiro e um amigo e especialmente ao prof. José Denizard Macêdo, seu particular amigo e particular amigo de tôdas as horas, escolhido pelo Instituto para homenageá-lo pòstumamente.

A todos, os agradecimentos da família e a certeza de que continuaremos a considerá-los, a cada um em particular e ao Instituto reunido, lídimos paladinos dos valôres espirituais por que tanto lutou, em vida, JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA.

Composto e impresso na Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Av. da Universidade, 2932 — C. Postal, 949 — Fortaleza, abril de 1971

foi o sr. José Bonifácio de Sousa, dona Lígia Maria Firmeza de Sousa, e a seu filho, José Maria Firmeza de Sousa, gerente do Banco do Nordeste do Brasil, em Fortaleza, Ceará. (O orador é abraçado).

(*Diário do Congresso Nacional*, Ano XXV, n.º 20. 1. de maio de 1970. Seção I).

COMUNICAÇÃO DO SR. ERNESTO VALENTE NA CÂMARA FEDERAL

Sr. Presidente, o Ceará está de luto. O Ceará inteiro chora e lamenta a perda de um dos seus mais queridos e ilustres filhos. Faleceu ontem, em Fortaleza, o Dr. José Bonifácio de Sousa, figura da maior projeção na sociedade cearense, que ocupava o cargo de Secretário de Administração do Govêrno do Ceará.

José Bonifácio de Sousa nasceu na hospitaleira terra de Quixadá. Formou-se em Direito pela tradicional Faculdade de Direito do Ceará, em 1930.

Quando estudante, foi redator do conceituado jornal *Gazeta de Notícias*, que ainda hoje se sedia na capital cearense. Pouco depois de formado ingressou no Banco do Brasil, onde fêz carreira brilhante, ali permanecendo a maior parte de sua existência, tendo sido gerente de várias filiais dêsse estabelecimento de crédito, no Nordeste. Finalmente, ausentou-se, após percorrer os mais altos postos administrativos do Banco do Brasil.

Quando fazia jus a merecido repouso, após uma vida tôda cheia de trabalho e de profícua atividade, ainda lhe sobrou tempo para desempenhar outros encargos. O descanso para êle foi sempre o próprio trabalho, e dentro desta filosofia de vida é que José Bonifácio de Sousa ocupava o alto cargo de Secretário de Administração do Govêrno Plácido Castelo. Querido de todo o Ceará, amado pelos seus concidadãos, homem culto, humanista, au-

Fortaleza, 20 de abril de 1990

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

Senhor Presidente:

Mui respeitosamente, submeto a V.Exa., apreciação do nome e dados do ilustre ciddão de Quixadá Dr. JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA, para denominação de artéria na Cidade de Fortaleza.

No aguardo das Vossas Augustas Decisões.

Respeitosamente

Vinício Firmeza de Brito

Contato Vinício Firmeza de Brito
Diretor Administrativo do Hospital de Saúde Mental de Messejana
End.Sitio São Joaquim S/N CEP 60825
Fones 229 38 69 22937 10 229 36 88 Ramal 42

26/4/90

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

COMISSÃO DE URBANISMO

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

PARECER Nº 22 /90

AO PROJETO DE LEI Nº 072 /90

Dispensado de Impressão e Interticio
Em 15 / 05 / 1990
Presidente

O VEREADOR NARCÍLIO ANDRADE SUBMETEU À CONSIDERAÇÃO DO PLENÁRIO DESTA CASA, O INCLUSO PROJETO DE LEI QUE "DENOMINA DE RUA JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA UMA ARTÉRIA DE FORTALEZA".

CONSIDERAMOS TER SIDO O ILUSTRE VEREADOR, FELIZ NA ELABORAÇÃO DO PRESENTE PROJETO, VEZ, QUE O HOMENAGEADO REPRESENTOU PESSOA DA MAIS ALTA CONSIDERAÇÃO NO MEIO DE TODA A SOCIEDADE CEARENSE.

É O NOSSO PARECER.

DALA DAS SESSÕES DAS COMISSÕES PERMANENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 7 DE maio DE 1990.

RELATOR

A FAVOR

A FAVOR

PRESIDENTE

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL

A COMISSÃO DE REDAÇÃO FINAL DÁ A SEGUINTE REDAÇÃO AO PROJETO DE LEI Nº 72/90

APROVADO
EM 29/5/90
Presidente

Denomina de Rua Dr. José Bonifácio de Sousa, uma artéria de Fortaleza.

A CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA DECRETA:

Art. 1º - Fica denominada de Rua Dr. José Bonifácio de Sousa, uma artéria de Fortaleza.

Art. 2º - A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

SALA DAS SESSÕES DAS COMISSÕES PERMANENTES DA CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, EM 28 DE maio DE 1990.

PRESIDENTE:

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA MAPR

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA
ARQUIVO

Ofício nº 927 /90

Fortaleza, 30 de maio de 1990.

Senhor Prefeito:

Na conformidade do artigo 44 da Lei 5930 de 13 de dezembro de 1984, tenho a satisfação de encaminhar a V.Exa.,o presente autógrafo de lei aprovado por esta Câmara, que "Denomina de Rua Dr.JOSÉ BONIFÁCIO DE SOUSA, uma artéria de Fortaleza".

No ensejo, apresento a V.Exa., protesto de apreço e elevada consideração.

Vereador Narcílio Andrade

Presidente

Exmo. Sr.

Dr. JURACY MAGALHAES

DD: Prefeito Municipalde Fortaleza

Nesta